

SALERO

por Fernanda Hipólito

Há setenta e cinco anos vivia-se noutra século e noutra mundo. Vivia-se em família e para a família. Não havia os entretenimentos que hoje estão disponíveis e era dentro de casa, com aquele núcleo duro, que partilhávamos a nossa existência. Conversava-se, bordava-se, ralhava-se, amava-se sempre e só entre quatro paredes. As famílias contemplavam outra coisa que hoje parece impensável: os mais velhos. Não existiam lares para idosos e nem sequer a noção de que algum dia isso pudesse existir. O lar do idoso era o lar onde nasceu e viveu, ou a casa dos seus filhos que cuidavam deles aceitando isso não como uma fatalidade, mas com uma naturalidade que nunca se deveria de ter perdido.

As mulheres trabalhavam no campo e cuidavam dos filhos. Mesmo os mais pequenos, às vezes com semanas de idade, eram aconchegados em alcofas e levados para o campo de modo a ficar sempre perto dos peitos da mãe. Como havia enxames de crianças, a infância era vivida na rua, em conjunto, tendo como brinquedo a imaginação.

Os principais empregadores da vila de Gavião eram a Casa Rebelo e os Cardigos. Para além do trabalho agrícola desempenhado para estes senhorios, todos mantinham uma horta, vital para o sustento de uma casa. Vivia-se mais do que se semeava do que do dinheiro que se ganhava.



meus avós paternos.

*Fernanda Hipólito com 9 anos de idade*

Até à quarta classe a escola era separada por géneros. Éramos fortemente vigiados e nem nos intervalos podia haver misturas. Esta separação acabou quando fui para a quarta classe. Era normal era as raparigas só fazerem a terceira classe e os rapazes a quarta classe. Como só quatro raparigas quiseram fazer a quarta classe, a turma passou a ser mista.

Convivi muito com os meus avós paternos. O meu avô materno morreu novo e deixou a minha avó entregue a si mesma e com dois filhos pequenos que depressa tiveram de tomar rumo. A minha mãe foi mandada servir para casa de gente abastada e o irmão foi enviado para os Pupilos do Exército para seguir as pisadas do pai: ser guarda. A minha avó fazia e vendia pão. Talvez porque a minha avó materna passasse a vida a trabalhar e com todos os minutos contados para a imensidão das tarefas do dia e sem nunca lhe restar uma migalha para alimentar as netas famintas de atenção, o local mágico da minha infância era a casa dos

Às vezes fecho os olhos e ainda lá consigo voltar a buscar um pouco de conforto e encher o coração de saudade. A minha avó vestia saias até aos pés, avental e andava sempre com um lenço na cabeça. O meu avô era muito castiço. Tinha um bigode enorme e retorcido nas pontas, completamente alvo, a combinar com o cabelo. Vestia sempre uma jaqueta por cima da camisa e calças de sorobeque.



*Fernanda Hipólito (14 anos) com os avós paternos*

Grande parte das doces recordações da minha infância tem como cenário aquela casa. A minha avó tinha galinhas à solta pelo quintal. Eu via uma galinha sentada e corria a enxotá-la para ver se havia ovo debaixo dela. Quando era preciso ir aos feixes de lenha, pelos cabeços fora, lá ia eu na dupla tarefa que as crianças têm que é a de ajudar ao mesmo tempo que atrapalham. Adorava por os paus todos em posição de serem apertados pela corda. Já em casa, o feixe era dividido e utilizado para ir dando força ao lume aos poucos porque “quem não poupa a lenha, não poupa nada que tenha”. Havia dias em que a minha avó encostava ao braseiro do lume uma vasilha de barro já negra pelos anos e pelo fumo. Deitava-lhe água e café de

cevada. Antes de se poder beber, tinha de se esperar que as borras do café assentassem no fundo da vasilha. Para acelerar o processo deixava cair no café uma brasa do lume. Num instante ficava pronto. Talvez fosse esse o truque que ainda hoje me faz ter na ponta da língua essa memória. Aquele café é o cheiro da minha infância.

A mesa era a horta. Basicamente era couves com tudo. Comia-se a condutar. Na panela da sopa mergulhava-se uma farinheira, que dava sabor ao que se estivesse a cozer e que no fim ia servir de conduto. Por vezes matava-se uma galinha, mas em ocasiões especiais. Não havia sobremesas e nem se comiam doces. Não havia na vila sítio onde se pudesse comprar um bolo.

O Natal era uma emoção muito intensa. A ansiedade era tal que nessa noite nem dormíamos. De manhã, na nossa meia encontrávamos sempre uma moeda de chocolate ou um par de meias. Já tinha onze anos quando percebi que era a minha avó que preparava as prendas do Natal.

O Natal era assinalado sobretudo na cozinha. Era esse o coração da casa, ainda mais nestes dias de festa. Faziam-se filhós e fritos de Natal pela madrugada fora. O almoço de Natal era a refeição por excelência e era sempre a mesma: galo. Dele se fazia uma canja e o resto assava-se no forno. A casa dos meus avós era muito humilde: não tinha casa de banho, luz elétrica nem água canalizada, mas o calor humano que dela emanava era um luxo. Na casa dos meus pais já haviam algumas comodidades que não eram comuns nem acessíveis a todos. Conseguíamos ter uma vida boa porque o meu pai emigrou e conseguiu um trabalho muito bem pago. Pena que só o encontrou no outro lado do mundo. O chão da nossa casa já era de cimento. No nosso quintal, ao lado da capoeira dos coelhos o meu pai fez uma fossa que era a nossa casa de banho. Era um cubículo com porta, mas que dava imensa privacidade. Era também uma novidade em Gavião. No início da década de 50 não haviam casas de banho. Alguns vizinhos pediram ajuda ao meu pai para replicarem na casa deles o que tínhamos na

nossa. No final da minha adolescência o meu pai fez-nos uma boa casa, com casa de banho e uma sala com lareira.

O senhor meu pai trabalhou na Venezuela por mais de 20 anos. Eu tinha onze quando acompanhei a minha mãe para ir ao seu encontro. Queria ter continuado a estudar lá, mas o meu pai nem sequer queria ouvir falar da ideia porque o ensino era misto.

Foi o paquete Santa Maria que me levou a ver Caracas pela primeira vez. Fiquei sempre com a impressão de que aquela parte do mundo era maior do que a nossa. Havia mais largueza, as pessoas eram mais alegres e desinibidas. Mas os meus olhos viam aquela terra como um lugar de coisas estranhíssimas. Ao percorrer as ruas reparei que todas as casas tinham no telhado um tubo de metal com uns arames pendurados. O que seria aquilo? “antenas de televisão.” Explicou o meu pai. Para ele já era banal, para mim era uma admiração. Foi na Venezuela que vi uma televisão pela primeira vez. Eram muitas as lojas que as vendiam e que as exibiam nas suas grandes montras envidraçadas, todas empilhadas umas nas outras.



*Fernanda Hipólito na Venezuela*

A Casa dos Portugueses em Caracas já tinha televisor e ficava a abarrotar quando davam certos programas. Mas nesses dias eu não podia ir. Uma menina não se andava a mostrar, ainda mais num país onde a norma era casar pelos catorzes ou quinze anos para se ter filhos logo a seguir. Ora, isto não se adequava à maneira antiga e ao feitio possessivo e controlador do meu pai.

Pouco depois de chegar à Venezuela fui trabalhar para um cabeleireiro. Era um salão chique e elegante frequentado por pessoas endinheiradas e com classe. Os penteados que hoje se usam com cabelos longos, brilhantes e com ondas largas, já se faziam naquele salão há uma vida atrás. Muitas mulheres passavam pelas portas usando calças, o que para mim era fascinante. Ficava deslumbrada a observar a naturalidade com que aquelas mulheres se embelezavam e arranjavam, sem falsos pudores e com vaidade. Sabiam valorizar-se.

O meu pai era um homem muito desconfiado e às vezes estava eu a varrer o salão, olhava pela montra e lá estava ele a espiar-me. Hoje, à distância de mais de meio século e com outra maturidade acho que acima de tudo ele era um homem inseguro. Apesar de haver um oceano a separar-nos, como ele era tão desconfiado e ciumento, vinha a Portugal muitas vezes impor a sua presença e vontades. Era muito complicado para a minha mãe. Vivíamos recatadas em casa numa espécie de clausura de porta aberta. Ele aparecia de surpresa e às vezes, antes de se anunciar, tentava primeiro perceber onde estávamos ou o que estávamos a fazer.

Em 1970 voltei da Venezuela com a minha mãe, que tinha tido uns episódios de epilepsia. Os médicos diagnosticaram que o mal vinha do clima e deram como remédio voltar a Portugal. Já tinha 16 anos e era uma mulherzinha. Chegar foi um choque. Lá tinha televisão, luz elétrica, água canalizada, cá não. No Gavião ainda eram os candeeiros a petróleo que iluminavam as ruas. Foi uma espécie de seguir com a vida para a frente e andar para trás.

A televisão acabou por fazer a sua tímida estreia no café do senhor Raposo que se enchia à noitinha com famílias inteiras que iam ver um ou outro programa. Como não tínhamos sido brindados com a luz elétrica, a televisão fazia-se acompanhar por um gerador.

Vestíamo-nos e arranjávamo-nos às escuras e era uma galhofa quando encarávamos com alguém na rua com um sapato de cada qualidade, meias de cores diferentes ou roupa das avessas. Todos se riam, mas enquanto o tato fosse o principal recurso na escuridão, ninguém se podia rir muito, por todos estávamos habilitados a ser o próximo a fazer os outros rir também!

Quando cheguei da Venezuela tinha o meu cabelo pelos ombros, liso e brilhante. Adorava o meu cabelo porque me fazia sentir muito bonita. Mas a minha mãe não gostava, preferia aquela que era a moda em Portugal; os cabelos curtos com aquelas permanentes de caracóis muito pequeninos. Eu achava horrível, mas a minha mãe decidiu que eu ia cortar o cabelo e não houve argumento que a demovesse. Lá fui eu arrastada até Abrantes. No chão do salão caíam os meus cabelos e as minhas lágrimas. E depois do estrago feito ainda me obrigou a ir ao fotógrafo tirar uma fotografia para mandar ao pai.

Em Gavião ligava-se muito à moda e a vestir bem. Usavam-se saias travadas e curtas. Eu aderi à moda, apesar da minha mãe passar o tempo a descer as bainhas das saias e eu a subi-las sem ela saber. Os homens usavam calças à boca de sino. As mulheres ainda não tinham conquistado essa liberdade.

Tínhamos seis modistas e dois alfaiates. Era nos livros de figurinos que decidíamos o que queríamos mandar fazer. O tecido era comprado a metro, para que as modistas executassem o que pedíamos. As raparigas solteiras vestiam-se bem e com brio. As roupas novas apresentavam-se nos bailes mais importantes que eram também uma das únicas diversões que havia. Para mim os bailes eram mais logos e descontraídos quando o meu pai não estava porque de outro modo, se o baile começasse às nove, ele queria-me em casa às nove e meia.

Os bailes aconteciam no Largo da Nossa Senhora dos Remédios, no café do senhor Raposo ou no Espírito Santo, onde eram os antigos Bombeiros. No café do senhor Raposo os rapazes ficavam encostados à parede do fundo de onde faziam sinal com a cabeça às raparigas com quem queriam dançar. A maior parte dos



*Fernanda Hipólitos aos 19 anos de idade*

bailes eram a toque de concertina, mas ainda assisti a alguns com corpo de baile.

Quando organizados pela igreja ou quando eram de acordo com o calendário eclesiástico os ricos também iam dançar. Mas a igualdade acabava assim que a música se ouvia; os ricos dançavam num estrado de madeira e o restante povo noutra. A festa da Nossa Senhora dos Remédios contava com os dois estrados. Faziam também umas quermesses todas enfeitadas e cobria-se todo o chão de junco, para dar frescura e asseio e porque a maior parte das pessoas andava descalça. Os sapatos eram um luxo. Muitos dos que tinham optavam por usá-los só em ocasiões especiais para não os gastar.

Os domingos eram dia de ir à missa de manhã. Não se trabalhava. Almoçávamos em casa e depois íamos para a casa da minha avó. Cada um trazia um banquinho dentro de casa e sentávamo-nos na rua onde permanecíamos toda a tarde a conversar e a ver quem passava. Ansiava por estas tardes toda a semana. Os rapazes arranjavam-se e iam pela vila pavonear-se pelas ruas onde estariam as raparigas que mais lhe agradavam. Lá iam eles, sempre aos molhinhos, muito penteadinhas e com os sapatos bem engraxadinhos.

O Carnaval era uma época de diversão por excelência. Desde menina pequenina que a minha mãe me vestia com uns fatos de boneca que ela fazia de papel. Senti-me mesmo vaidosa. Eu e ela também.

Com seis ou sete anos via as raparigas solteiras a fazer jogos de roda no espaço onde hoje é a rotunda da nora. Essa zona era um grande descampado. Jogavam ao cântaro. Cantavam e dançavam descalças enquanto atiravam o cântaro umas para as outras até que alguma o deixaria cair.

Se as raparigas cantavam, os rapazes faziam as “cavalhadas”. Penduravam um cordel de um lado ao outro da rua. Ao longo do cordel penduravam vários cântaros. Uns tinham farinha, outros cinzas e outros até gatos. Os rapazes montavam burros e levavam um pau nas mãos. Lançavam-se numa corrida desgraçada pela rua fora e ao passar pelos cântaros tentavam parti-lo para ver o que de lá saía. Tentavam também enfarinhar as raparigas que fugiam como podiam, faziam as “caqueiradas”; apanhavam como loiças partidas ou telhas, por exemplo. Quando apanhavam uma porta aberta de uma casa onde vivesse uma rapariga solteira atiravam com aquele preparo todo para o meio do corredor. Era um estrondo enorme. Apanhávamos grandes sustos e como bônus, ainda tínhamos de limpar tudo.

Foi num baile que conheci o meu marido. Eu estava no estrado dos pobres e ele no dos ricos. Também era de Gavião, mas eu nunca o tinha visto. O Gavião tinha muita gente naquela altura. Reparei nele porque conversava com um vizinho e de vez em quando olhavam para mim. De repente mudou de estrado e veio falar comigo. Numa conversa muito galante e estruturada, pediu-me em namoro. Claro que não aceitei logo, não era assim que as coisas se faziam. Ele explicou-me então que trabalhava em Lisboa e que só voltaria a Gavião pela Páscoa. Nessa altura iria procurar-me para saber a minha resposta. Chegada a Páscoa, disse-lhe que sim. O namoro durou três meses e depois casámo-nos. Ele já tinha uma vida feita com escritório em Lisboa. Fazia manequins para as montras das lojas.



10 de junho de 1967

Tinha pressa em compor a vida. E essa tarefa coube-me a mim.



10 de junho de 1967



10 de junho de 1967